

# Os deslocamentos culturais em *Largo Pétalo de Mar*, de Isabel Allende

*Los desplazamientos culturales en Largo Pétalo de Mar, de Isabel Allende*

Maria Clara de Souza Soares Cardoso<sup>1</sup>

Tatiana da Silva Capaverde<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar o deslocamento identitário em decorrência dos movimentos de migração e exílio sofridos pelos protagonistas da obra *Largo Pétalo de Mar* (2019), de Isabel Allende. No artigo se demonstrará como os movimentos de migração e exílio afetam diretamente a construção identitária dos personagens, uma vez que vivem a experiência de desenraizamento no Chile, que, por sua vez, caracteriza-se como um espaço de trocas culturais e novas construções identitárias. Na análise proposta serão utilizados dois conceitos criados pelos filósofos Deleuze e Guattari (1995): o primeiro trata-se do rizoma, utilizado para caracterizar o processo de construção identitária dos personagens em meio a multiplicidade; o segundo refere-se à des(re)territorialização, que significa um processo duplo de movimento que pode ser entendido tanto na concepção geográfica quanto cultural. Também se adotará a noção de entrelugar, de Silviano Santiago (2000), a fim de analisar o espaço intermediário onde os protagonistas estão inseridos já que transitam por realidades diferentes: seu país natal, o Chile e a Venezuela; além de pensar a figura do estrangeiro na literatura latino-americana segundo Capaverde (2007) e as noções de identidade cultural e nacional dos personagens mediante conceitos de Figueiredo e Noronha (2005).

**Palavras-chave:** Literatura hispano-americana; migração; exílio; deslocamento identitário.

**Resumen:** El presente trabajo tiene como propósito analizar el desplazamiento identitario a causa de los movimientos de migración y exilio sufridos por los protagonistas en la obra *Largo Pétalo de Mar* (2019), de Isabel Allende. En el artículo se pretende demostrar como los movimientos de migración y exilio afectan directamente la construcción identitaria de los personajes, ya que ellos viven la experiencia de desarraigo en Chile, que, por su vez, se caracteriza como un espacio de intercambios culturales y nuevas construcciones identitarias. En el análisis serán utilizados dos conceptos creados por los filósofos Deleuze y Guattari: el primero se trata del Rizoma (1995), que caracteriza el proceso de construcción identitaria de los personajes en medio a la multiplicidad; el segundo es la de(re)territorialización que significa un proceso duplo de movimiento que puede ser percibido tanto en la concepción geográfica cuanto en la cultural. También se adoptará la noción de entrelugar de Silviano Santiago (2000), para analizar el espacio intermediario en el que los personajes están inseridos, ya que transitan por realidades diferentes: su país natal, Chile y Venezuela; además de pensar la figura del extranjero en la literatura latinoamericana según Capaverde (2007) y las nociones de identidades cultural y nacional de los personajes conforme Figueiredo y Noronha (2005).

**Palabras clave:** Literatura hispanoamericana; migración; exilio; desplazamiento identitario.

## Introdução

Isabel Allende nasceu no Peru em 1942, mas viveu parte de sua vida no Chile. Começou sua carreira como jornalista, entretanto seu reconhecimento veio em 1982,

<sup>1</sup> Discente do curso de Letras Português/Espanhol da Universidade Federal de Roraima. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6458034644012070>. E-mail: [belindapisa@gmail.com](mailto:belindapisa@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense. Docente do curso de Letras da Universidade Federal de Roraima. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6388935712342162>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7826-7640>. E-mail: [tatiana.capaverde@ufrr.br](mailto:tatiana.capaverde@ufrr.br)

com a publicação da obra *La Casa de los Espíritus*. Desde então, ela já recebeu vários prêmios e é uma das escritoras mais lidas em língua espanhola, tendo vendido aproximadamente 74 milhões de livros pelo mundo. Nos últimos anos a autora tem se dedicado a escrever obras com a temática de migração e exílio, como *Más Allá del Invierno* (2017) e *El Amante Japonés* (2015). Essas obras são inspiradas na vida migrante de Allende, já que na década de 70 se exilou na Venezuela após perseguição política por parte dos militares durante a ditadura chilena. Atualmente reside nos Estados Unidos.

*Largo Pétalo de Mar*, romance lançado em 2019, tem como protagonista a família Dalmau, que em 1938 morava na Espanha e é forçada a mudar para o Chile devido à Guerra Civil Espanhola. Victor Dalmau, sua mãe Carme e sua cunhada Roser vão para um campo de concentração na França chamado Argelés-sur-Mer, assim como muitos refugiados da Espanha, num êxodo que ficou conhecido como La Retirada. Da França viajam num navio fretado pelo poeta Pablo Neruda, chamado Winnipeg, para instalarem-se no Chile. Embora houvesse uma oposição do governo e da Igreja Católica para a chegada dos estrangeiros, eles são bem recebidos no país hispano-americano.

Ao desembarcarem em Valparaíso, os Dalmau conhecem Felipe del Solar, filho de uma família rica, religiosa e conservadora. Enquanto procuram uma morada mais confortável e um emprego estável, Victor e Roser ficam hospedados na casa de Felipe para o descontentamento de seu pai, Isidro del Solar, que tem uma certa desconfiança com os protegidos de seu filho devido as suas ideologias políticas. A mesma atitude pode-se observar na fiel empregada dos Solar, Juana Nancucheo, que vai à casa de Felipe se assegurar que os estrangeiros são limpos e ordenados. A aproximação entre as duas famílias promove uma forte atração entre Victor e a irmã de Felipe, Ofelia del Solar. Depois de uma rápida relação, Ofelia descobre que espera um filho de Victor, mas aparentemente a criança nasce morta e Victor soube da gravidez de Ofelia apenas nos anos 1990, ao descobrir que a criança estava viva e era uma menina.

Mesmo depois de se instalar no país, a família se depara com vários choques culturais e pode-se perceber que Victor e Roser lidam com o deslocamento de forma oposta. Enquanto Victor segue atormentado pelas lembranças do terror que viveu na guerra, Roser é mais aberta aos desafios da nova realidade e tenta encontrar pontos em comum entre os chilenos e espanhóis. A convivência com os chilenos foi

fundamental para que Victor e Roser se adaptassem no Chile, pois segundo Bernd (2003): “a identidade é um conceito que não pode afastar-se do de alteridade: a identidade que nega o outro” (p. 17). Então, as diferenças e as semelhanças entre chilenos e espanhóis vivenciadas por Victor e Roser ao longo da narrativa servem para que os protagonistas reflitam sobre as relações de pertencimento construídas nos diferentes países em que vivem.

Anos depois, na década de 1970, o então presidente do Chile, Salvador Allende, sofre um golpe de estado liderado por Augusto Pinochet que, por sua vez, impõe uma ditadura militar no país. Victor e Roser são mais uma vez obrigados a deixar o local onde viviam para dar início a um segundo exílio, já que Victor tinha uma amizade com o presidente socialista e por essa razão é vítima de perseguição por parte dos militares. Dessa vez, eles vão para a Venezuela, depois regressam à Espanha. Na Europa percebem tudo diferente, tentam refazer a vida, mas não têm sucesso. Nesse momento, reconhecem o Chile como o seu lugar de pertencimento.

Considerando a temática tratada na obra, pretende-se analisar neste trabalho o desenraizamento dos personagens e como isso implicou no seu deslocamento identitário ocorrido em função da migração e do exílio. Para isso serão discutidos os conceitos de rizoma e des(re)territorialização, dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995); a noção de entrelugar, de Silviano Santiago (2000), e de estrangeiro, segundo Capaverde (2007); além de observar como a identidade cultural e nacional dos protagonistas foram deslocadas ao longo da narrativa, de acordo com a bibliografia de Figueiredo e Noronha (2005).

### **O Deslocamento na composição identitária da família Dalmau**

Em *Largo Pétalo de Mar*, o protagonista Victor Dalmau e sua família deixam a Espanha devido à Guerra Civil, permanecem um período num campo de concentração na França, depois migram para o Chile numa longa viagem no navio Winnipeg. Piñero (2016) define a migração como “fenômeno demográfico que implica o deslocamento de um grupo de pessoas de um lugar de origem a outro de destino” (p. 217), mas dada a sua complexidade, essa noção passa a extrapolar a perspectiva geográfica do termo que abarca também o sentido simbólico de empreender travessias culturais. A autora explica que conceitualmente a relação existente entre a migração enquanto fenômeno social e as experiências individuais do sujeito pode ser compreendida através do termo

migrância, entendido como efeito do ato de migrar para outro país nas identidades dos sujeitos migrantes e nas culturas dos países que os recebem. O termo citado por Piñero (2016) faz referência ao texto de Rita Olivieri-Godet (2010), que, por sua vez, remete ao trabalho do canadense Pierre Ouellet (2003), o qual focaliza o deslocamento para além das implicações espaciais, abordando a questão tanto nos aspectos externos quanto internos ao sujeito. A migrância, portanto, é característica do mundo intercultural, no qual a globalização desestabiliza a ideia de fronteira espacial e produz fragmentação das identidades dos indivíduos. Além disso, a migração também gera desestabilidade nas concepções de culturas homogêneas e fixas, um exemplo disso são as culturas ocidentais que se formaram por meio de grandes movimentos de pessoas, o que resultou em um processo de migrância cultural em que se misturaram línguas, histórias, religiões e culturas.

A narrativa de Isabel Allende também ilustra outro tipo de deslocamento por meio de seus protagonistas: o exílio. Esse movimento é caracterizado pela saída de um grupo de pessoas de seu país natal em função do banimento por parte do governo, geralmente por motivos políticos. Na primeira situação de trânsito descrita na obra, ocasião da saída dos personagens da Espanha rumo à França, esse deslocamento ganha uma configuração particular que é o *autoexílio*, já que os personagens não são perseguidos concretamente, no entanto, há o medo de uma possível repressão por parte do governo ditatorial e, talvez, o assassinato dos membros da família Dalmau. Além disso, os espanhóis são rejeitados por todos os países da Europa. Ademais foram recebidos com hostilidade na fronteira Espanha/França devido ao estigma de serem exilados, sujos, delinquentes. Said (2003) classifica o exílio como “fratura incurável” devido a essa ruptura com o país natal e a solidão experimentada no país que os recebe porque o exilado está longe de seus compatriotas e, muitas vezes, é alheio aquela cultura estrangeira. Esse conflito é exemplificado na figura do personagem Victor Dalmau, que vivencia a nostalgia, o trauma do exílio e as lembranças ruins tanto na França quanto nos primeiros anos de estadia no Chile, e, posteriormente, a sensação de ser um estranho na Venezuela.

Para entender o processo de *autoexílio* dos protagonistas, faz-se necessário considerar que vivem um período de guerras, disputas políticas e ascensão de regimes totalitários pela Europa. A Guerra Civil eclodiu em 1936 na Espanha devido ao golpe encabeçado por Francisco Franco, o que gerou rivalidade entre grupos republicanos e

fascistas, sobretudo repressão aos que eram contra o franquismo. A família Dalmau é claramente republicana, por isso Victor é recrutado para trabalhar no hospital de soldados, sua mãe Carme dá aulas para recrutas republicanos e seu pai Marcel compartilha ideias republicanas com seus alunos na universidade. Por outro lado, Roser também é contra o regime, embora não se posicione diretamente e se mantenha neutra no que diz respeito a qual grupo apoia. Essa guerra é favorável para o grupo fascista graças ao apoio bélico da Alemanha e da Itália e ao reconhecimento internacional do governo de Franco. Ou seja, a batalha está perdida para os republicanos e Marcel Dalmau, em seu leito de morte, sugere a Victor que saia do país e leve Carme e Roser. Dessa forma, é possível evidenciar que o patriarca teme pela vida de sua família, por isso faz esse pedido cujo objetivo é a sobrevivência de seus entes queridos, já que pode haver vingança por parte dos fascistas a Victor por trabalhar no hospital para soldados republicanos. Também teme que os fascistas violem a integridade de Roser por ser uma mulher jovem e viver em uma casa habitada por republicanos.

Após forte relutância de Carme, a família Dalmau decide partir para a fronteira da França junto a outras milhares de pessoas. Roser e Carme viajam em meio ao frio rigoroso sob a responsabilidade de Aitor Ibarra, para depois entrar em contato com a enfermeira de confiança de Victor, Elisabeth Eidenbenz e pedir socorro. Ao chegarem na França, percebem que a fronteira está fechada devido a rejeição dos países à chegada dos espanhóis, já que os definem como um problema nacional. Dessa forma, os espanhóis são recebidos com hostilidade pelos franceses e ficam instalados no campo de concentração Argelés-sur-Mer junto a uma praia cercada por arame farpado. A condição de vida no campo é desumana porque não há comida suficiente, água potável ou saneamento básico, por isso a sobrevivência no campo é quase impossível e o frio provoca mortes. Ao se comunicar com Elisabeth, Roser consegue sair do campo e ir a uma maternidade improvisada, onde havia melhor recepção, comida e água. Após dar à luz, hospeda-se na casa de um casal de quacres<sup>3</sup> ingleses. Victor, por sua vez, chega ao campo com o objetivo de cuidar dos doentes sob a vigilância dos guardas, mas consegue fugir ao saber do paradeiro de Roser por intermédio de Aitor Ibarra e vai

---

<sup>3</sup> Grupo de religiosos surgido na Inglaterra no século XVII, também conhecido como Sociedade dos Amigos, que praticava o Cristianismo sem hierarquia eclesiástica ou a presença de um mediador. Eles acreditavam que Jesus estava presente em todos os lugares, por isso não era necessário ir à Igreja. Além disso, pregavam a paz como um de seus princípios primordiais. (RAMÓN, 1995)

em busca da cunhada na casa dos quacres para se encarregar dos cuidados com o filho que Roser teve com seu irmão Gullerm.

Em meados de 1939, a situação conflituosa na Espanha está longe de melhorar devido ao risco da eclosão de uma guerra maior e mais violenta. Por isso, Aitor Ibarra sugere a Victor a migração para a América do Sul, mas a princípio o médico recusa a ideia, pois acredita que a Espanha precisa dele. Quando finalmente reencontra Roser, Victor considera a possibilidade de partir para o Chile, país que não sabia localizar no mapa.

A partida dos refugiados para o Chile foi arquitetada pelo poeta Pablo Neruda, que, através de seu cargo de cônsul da França, convenceu o governo chileno a recebê-los. Participou diretamente da seleção daqueles que embarcariam no navio Winnipeg, que foi fretado com este fim: levar os espanhóis para o Chile para que pudessem encontrar melhores condições de vida, além de inseri-los no mercado de trabalho. Essa preocupação fica evidenciada quando ressalta a importância da ida de Roser, já que comenta com Victor que no Chile há poucos pianistas. Quando Victor e Roser consideram a possibilidade de sair da França, ainda estão instalados na casa do casal de quacres ingleses e tinham uma condição de vida relativamente melhor do que no campo de concentração, já que foram acolhidos e tinham à disposição comida e bebida. No entanto, o casal necessita um lugar mais estável para refazer a vida longe da guerra e cuidar do pequeno Marcel. Ao chegarem no Chile são recebidos num evento histórico diferente da forma que foram recebidos na França porque havia um movimento estatal que difundia a proposta de Neruda como uma iniciativa que acolhia pessoas que sofriam com a situação de conflitos mundiais e buscavam melhores condições de vida em outro lugar, onde poderiam contribuir para o desenvolvimento do país. Essa receptividade com a qual o governo chileno recebeu os espanhóis é fundamental para que eles iniciem o processo de desenraizamento. É possível apontar diferentes motivos para explicar a recepção dos chilenos aos imigrantes europeus por meio de uma leitura das forças políticas da época ou mediante uma perspectiva pós-colonial, o que não será tratado neste trabalho. Para a compreensão da construção identitária dos protagonistas, enquanto migrantes na América, basta destacar que o fato de suas vindas terem feito parte de um projeto político nacional que, por sua vez, impactou as relações que foram construídas a partir desse momento.



Considerando a trama do romance, a análise da obra permite afirmar que todo o deslocamento sofrido pelos protagonistas e o contexto histórico retratado afetam diretamente suas constituições identitárias. Conforme Figueiredo e Noronha (2005), a identidade está ligada à ideia de reconhecimento, tanto interna quanto externa. Citando a passagem do texto de Taylor (1994), elas afirmam que a identidade:

[...] designa algo que se assemelha à percepção que as pessoas têm de si mesma e das características fundamentais que as definem como seres humanos. A tese é que nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela ausência, ou ainda pela má percepção que os outros tem dela (TAYLOR, 1944, p. 41-42 *apud* FIGUEIREDO; NORONHA, 2005, p. 189)

Neste sentido, a trajetória de desenraizamento dos protagonistas a partir da saída de seu país natal até se sentirem como parte do Chile tem relação com o (auto) reconhecimento e (auto) identificação que permitam que estabeleçam laços identitários para que possam se sentir parte daquele país. Para atingirem tal fim é necessário que eles vivenciem as diferenças e as semelhanças entre as duas culturas, dialética que remete aos conceitos de identidade e alteridade. Essa noção é explicada por Silva (2002) por meio da palavra diferença, que, segundo o autor, é parte fundamental da construção identitária. Isso significa que as afirmações construídas por cada indivíduo sobre sua identidade só são possíveis porque existe em contraponto, um outro que é diferente dele, ou seja, dizer o que é também significa dizer o que não é. Conforme explica Rodrigues (2016, p. 281): “O homem, como ser gregário, social, precisa do outro para se conhecer e interagir com o mundo. As relações com as alteridades lhe são necessárias”. No caso dos personagens migrantes do romance, Roser tem uma atitude mais aberta em relação a Victor para entender os chilenos e constatar que afinal tinham algo em comum, como é possível perceber nesta passagem:

Estava se adaptando à cidade e aprendendo a entender os chilenos, que no fundo se pareciam com os espanhóis no que tinham de generosos, impulsivos e dramáticos. Propusera-se fazer amigos e angariar boa reputação de pianista (ALLENDE, 2021, p. 172).

Por essa razão, a adaptação de Roser é menos dolorosa do que a de Victor, que ainda é atormentado por seus traumas. Mesmo os dois estando na condição de estrangeiro, relacionam-se com a alteridade de forma diferente.

Na literatura latino-americana contemporânea, a figura do estrangeiro comumente é explorada por meio de dois diferentes processos: a de alguém que sai de seu país natal, deixa sua cultura e migra para um novo lugar para viver em paz longe do caos político e/ou econômico; ou pode ser entendida em um segundo processo no qual o descendente de duas culturas diferentes sofre de uma crise de identidade no local onde nasceu, situação comum entre autóctones de países colonizados (CAPAVERDE, 2007). Nos dois casos há evidente contraste entre culturas, sejam elas estrangeiras ou não, isto é, um contato entre identidades distintas fruto do deslocamento geográfico ou não. Na obra de Isabel Allende, os personagens Victor e Roser estão inseridos no primeiro processo, já que saíram de seu país em função de guerras e regimes totalitários e chegam em um novo estado-nação, o Chile. A população chilena, por sua vez, tinha a opinião dividida sobre os estrangeiros recém-chegados.

Por um lado, admiravam os espanhóis, como é possível observar na ocasião da chegada do Winnipeg, já que as pessoas que estavam presentes acompanharam a chegada do navio como um evento que iria entrar para a história do país, como é possível perceber na descrição da expectativa de Felipe del Solar no fragmento: “viajara ao porto de Valparaíso no dia anterior à chegada do Winnipeg, porque desejava estar presente nesse evento histórico, conforme definiu” (ALLENDE, 2021, p. 139). Em contrapartida, havia opiniões contrárias a chegada dos espanhóis no país e alguns chilenos tinham uma ideia estereotipada sobre o caráter dos estrangeiros e manifestaram um sentimento comum frente ao desconhecido, ao outro. Um exemplo disso é o da empregada Juana Nancucheo, que fica desesperada ao saber que os estrangeiros estão instalados na casa de Felipe, como é descrito no fragmento: “Inspeccionou tudo de cima a baixo, verificando que os vermelhos – como os chamava dom Isidro – eram bastantes limpos e organizados” (ALLENDE, 2021, p. 142). Dessa forma, ao longo da narrativa, os personagens fazem uma travessia, tanto geográfica quanto simbólica, na qual adentram em um novo país e em uma nova cultura, enfrentando receptividades e rejeições, experiência que irá conformar uma nova constituição identitária cultural.

Diante de todo o processo de deslocamento cultural pelo qual passam os personagens, podemos identificar que a construção da identidade dos protagonistas apresenta a estrutura rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 1995), uma vez que, segundo o princípio da multiplicidade, os personagens são constituídos por uma forma de



composição identitária que se opõe a identidade de raiz única. Na estrutura do rizoma não existe unidade, pois sua formação se compõe de várias linhas de conexão na qual existem múltiplas entradas. Isto é, os personagens estabelecem relações com os chilenos, como os Solar, com o presidente Salvador Allende, com o poeta Pablo Neruda e suas identidades que, por sua vez, formam outra articulação. Isso não significa que eles se tornam pessoas diferentes do que eram, ou se tornam chilenos à medida que convivem com a nova cultura, mas sim que passam a se constituir da soma de diferentes conexões, porque a identidade com estrutura rizomática tem como base alianças que não estabelecem início nem fim.

Em sua obra *Uma Literatura nos Trópicos*, Santiago (2000) afirma que o discurso sobre a América Latina está num entrelugar, isto é, numa fronteira entre diversas culturas, que transitam entre o discurso construído pela ótica dos europeus que escreviam sobre o continente e aquele do autóctone. Assim, os intelectuais latino-americanos constroem o discurso por meio da busca em assimilar e digerir a cultura europeia de forma antropofágica, no sentido que se apropria das obras da metrópole para ocupar seu lugar na literatura. O conceito vanguardista remete à prática ritualística indígena de consumo da carne de seus inimigos e propõe uma relação de apropriação não devedora, uma vez que a imagem da antropofagia prevê a deglutição da carne humana como forma de apropriação do outro.

Essa mesma conceituação e imagens simbólicas nos permitem afirmar que os personagens migrantes da obra de Isabel Allende se encontram num entrelugar, no sentido cultural, porque eles transitam entre duas realidades à medida que se adaptam ao Chile, lugar onde ocorrem trocas culturais que formam sujeitos com identidades híbridas. Um exemplo disso é que, enquanto os protagonistas se instalam numa casa própria em Valparaíso, onde preservam traços da cultura catalã, Roser decide que o filho Marcel deve ser criado como chileno. Por outro lado, Victor, que embora esteja a reconstruir a vida no Chile, não supera o trauma da guerra e a saída repentina de seu país, por isso é constantemente invadido pelas más recordações e a nostalgia. Ele estuda, trabalha como atendente no armazém, mas seu pensamento está longe, porque se distrai facilmente ao refletir sobre as responsabilidades e o desafio de se instalar em um país desconhecido. Por essa razão, sofre com pesadelos durante a noite, e Roser, que lida com a situação de maneira mais racional, apoia-o nesse momento, como é possível observar no trecho:

[...] enternecia-se nas noites em que o ouvia gritar dormindo. Então ia acordá-lo, introduzia-se em sua cama, abraçava-o como uma mãe e deixava o desafogar-se de seus pesadelos com membros amputados, peitos destroçados, metralhas, baionetas caladas, poças de sangue, valas cheias de ossos. (ALLENDE, 2021, p. 159)

Essas situações conflitantes sempre ocorrem porque as pessoas que vivenciam a experiência da migração “sempre vai sentir-se em trânsito, entre dois mundos” (TRIGO, 2000, p. 276-277 *apud* PIÑERO, 2016, p. 218). É possível observar que Victor guarda um grande trauma da guerra que o fez deixar o seu país, porque no princípio nenhum dos membros de sua família pensava em sair do país realmente, já que não imaginavam a vida fora da Espanha, não queriam deixar sua casa, seu bairro, sua língua, seus parentes e amigos. Então, suas memórias o impedem de disfrutar da nova realidade, visto que não consegue sequer entrar no mar chileno por se lembrar do campo de concentração na França que ficava próximo a um lago. Mas mesmo em dificuldades na adaptação ao novo país e carregando memórias e traumas, podemos dizer que os personagens digerem e realizam a antropofagia frente à nova cultura e, desse modo, ressignificam seu sentimento de pertencimento a um entrelugar (SANTIAGO, 2000), a um estado intervalar entre Espanha e Chile.

O processo de trânsito vivido pelos protagonistas se apresenta na obra de forma bastante complexa e difícil de discernir. Vale ressaltar que na obra há três tipos de movimento cultural pelos quais passam os personagens: o primeiro se refere ao *autoexílio*, que ocorre quando a família Dalmau decide fugir da tensão entre fascistas e republicanos durante a Guerra Civil Espanhola. O segundo trata-se da migração, que se dá quando partem da França para o Chile, porque estavam hospedados na casa de quacres, mas queriam uma residência mais estável para criar o filho e encontrar uma forma de fugir da possível eclosão da grande guerra que iria estender-se por toda a Europa. Na obra, a migração dos personagens é caracterizada pela autonomia na decisão de sair ou não da França, pois já se encontravam autoexilados no país e sair do país vizinho naquele momento não era a primeira opção. Ao mesmo tempo queriam melhores condições de vida e fugir da possível guerra mundial que estava se configurando, o que os levou a decidir por embarcar no navio para o Chile, já que, como afirma Said (2003), “há sempre uma possibilidade de escolha, quando se trata de emigrar” (p. 6). Já o terceiro movimento que o casal empreende se caracteriza mais

claramente como uma forma de exílio político, ocorrido na ocasião da ditadura militar no Chile e que se distingue da migração, porque a perseguição de Victor pelos militares o deixa sem possibilidade de escolha. Vivendo constantes ameaças contra sua vida, é impedido de transitar pelo país sem a vigilância dos militares e decide fugir temporariamente do Chile para Venezuela juntamente com Roser, até que a ditadura chilena acabe. Quando chegam na Venezuela são bem recebidos assim como foram no Chile, no entanto, mesmo quando estão trabalhando no hospital de Caracas e vivem bem, Victor não perde as esperanças de voltar para o Chile, como é possível evidenciar no fragmento: “Nada lhe faltava, mas ele se sentia irremediavelmente estrangeiro e andava sempre atento às notícias, para ver quando poderia voltar ao Chile” (ALLENDE, 2021, p. 271). Este trecho demonstra que a estada na Venezuela tinha um caráter provisório e os personagens aguardam pelo retorno ao Chile, situação não descrita antes enquanto recém-chegados da França. Desta forma, buscamos diferenciar os três momentos de deslocamento dos personagens, mesmo que de forma sutil. Vale ressaltar que a condição de exilado de Victor, ao contrário de sua vida como migrante, trouxe conflitos e prejudicou sua reputação quando voltou para o Chile no período de redemocratização, pois é condenado ao ostracismo, ou seja, é impedido de exercer sua função como médico, pois o hospital se recusa a aceitá-lo de volta na equipe devido ao seu histórico de preso político.

É interessante observar que durante o período em que estiveram exilados na Venezuela, eles tiveram a oportunidade de escolher voltar a viver na Espanha. Enquanto estavam a se instalar na Venezuela, Francisco Franco morre na Espanha e finaliza a ditadura franquista. Na ocasião, Victor resolve voltar ao seu país natal e Roser decide acompanhá-lo. Uma vez na Espanha, o casal percebe os efeitos do franquismo, pois o país já não é o mesmo dos anos 1930. Percebem que alguns aspectos da cultura mudaram, como a forma de se relacionar com as pessoas e a modernização de Barcelona, que causou um choque em Victor. Durante uma conversa, eles admitem que se sentem estranhos naquele lugar, porque não conhecem ninguém e não havia emprego para pessoas de sua idade. Dessa forma, reconhecem o Chile como o seu lugar de pertencimento, como é possível perceber neste diálogo de Roser: “Já estou de saco cheio dessa coisa de sermos forasteiros. Vamos voltar para o Chile. Somos de lá” (ALLENDE, 2021, p. 275). Nominam Chile como lugar de pertencimento e não a Venezuela, onde estavam residindo mais recentemente, o que demonstra uma escolha

agora consciente e livre de onde gostariam de viver. Durante a narrativa a autora denomina o regresso à Espanha como uma forma de desexílio<sup>4</sup>, já que os personagens voltam ao país natal após o término da ditadura de Franco, no entanto essa experiência não necessariamente significa a “volta ao normal”, isto é, quando os exilados regressam do exílio podem se sentir estranhos no seu país, porque se encontram com uma nova realidade e não possuem mais laços identitários com aquele lugar.

Os vínculos construídos com o Chile apontam para o fortalecimento da identidade cultural dos personagens com o novo território do qual passaram a se sentir parte. Figueiredo e Noronha (2005) explicam a diferença entre a construção da identidade nacional e identidade cultural. Na primeira situação, uma rede de símbolos e representações são criadas para que um Estado-Nação seja reconhecido internamente, por seus integrantes e, externamente, pelos Estados já estabelecidos. Com isso, é criada a cultura nacional que representa um Estado. Por outro lado, as identidades culturais têm caráter transnacional, porque reúnem grupos que compartilham uma cultura comum que pode estar relacionada a etnia, gênero, religião, não considerando os limites geográficos. Dessa forma, como essa construção identitária não está ligada a um território, os personagens se (auto)reconheceram e internalizaram os valores culturais do Chile ao longo de sua trajetória no país. Quando então tiveram a oportunidade de escolher entre viver na Espanha ou voltar a América Hispânica, reconheceram o Chile como seu lugar de pertencimento, embora não seja seu país natal, o que evidencia o deslocamento ocorrido em suas identidades culturais.

Ademais, o deslocamento dos personagens, tanto no sentido geográfico, que é o de migrar para outro país, quanto cultural, isto é, de ter uma nova articulação em suas identidades, pode ser entendido segundo o conceito de des(re)territorialização criado pelos filósofos Gilles Deleuze e Feliz Guattari (2016), que se refere a um deslocamento duplo. Para explicar melhor a condição dos migrantes na obra à luz dessa teoria deleuze-guattariana, faz-se necessário entender o conceito de território mediante duas perspectivas. Primeiro, o território, conforme a geografia, refere-se a ideia comumente difundida acerca de um espaço de terra que é delimitado por fronteiras e que serve para localizar um país. Já a segunda interpretação pode ser melhor entendida através da pesquisa liderada por Rogério Haesbaert e Glauco Bruce (2002), na qual esclareceram

---

<sup>4</sup> O termo desexílio foi utilizado pela primeira vez pelo escritor uruguaio Mario Benedetti para designar a volta do exilado ao país natal após anos de exílio. O escritor buscou criar uma palavra que significasse “terminar com o exílio e voltar ao país” (FERNANDES, 2015, p. 56).

os conceitos de desterritorialização relativa e desterritorialização absoluta que estão presentes na obra *Mil Platôs 3* (1980). A desterritorialização relativa está relacionada ao abandono de territórios frequentados pelos personagens no cotidiano, seus empregos, a universidade, o grupo de amigos, a casa. Eles passam a vida abandonando territórios e formando novos. Já a desterritorialização absoluta diz respeito ao pensamento, à criação de novos conceitos, ou seja, os personagens criam territórios quando a percepção sobre suas identidades culturais muda. Então, quando os personagens saem de seu país de origem sofrem o deslocamento de suas identidades culturais, pois vivenciam a desterritorialização, já que, segundo os autores: “[...] tudo o que é desviado de seu lugar e de uma função tem a ver com o conceito de desterritorialização [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1991, p. 66 *apud* PARANHOS, 2016, p. 150). A reterritorialização acontece ao mesmo tempo que a desterritorialização, já que os personagens se ajustaram em um novo local, mas não se confunde com a volta ao seu lugar de origem. Ela acontece em um outro contexto: “[...] a reterritorialização diz respeito aos movimentos de (re)codificação, (re)alocação, (re)montagem e (re)colagem, que transformam e reconfiguram prática e semanticamente as espacialidades” (SOUZA, 2016, p. 57). Desta forma, observamos que a obra exemplifica constantemente os conceitos de Deleuze e Guattari, não apenas em um momento específico, uma vez que a noção de território é ampliada pelos filósofos e utilizada para explicar os deslocamentos culturais para além da geografia.

### **Considerações Finais**

Diante do exposto, observamos que os deslocamentos sofridos pelos personagens se refletem diretamente na constituição identitária de cada um, uma vez que ao adentrarem em um novo país, os migrantes vivenciam uma experiência de desenraizamento e, ao mesmo tempo, enraizamento, já que suas identidades e lugares de pertencimento são ressignificados. Nesse processo, os personagens interiorizam os valores culturais do país, mas sem abandonarem suas identidades nacionais, isto é, eles passam a carregar traços das duas culturas. É esse movimento entre culturas que caracteriza a permanência dos migrantes no entrelugar, uma fronteira entre dois mundos, que não pertence a nenhum especificamente, pois mesmo que se sintam parte de um território, suas identidades culturais vão sempre estar em trânsito.

Na obra, os personagens passam por diversos conflitos quando chegam no novo país, como no caso de Victor Dalmau, que não esquece a Espanha e o terror da guerra; ou Roser, que ao se instalar numa casa própria deseja conservar a cultura catalã. O Chile, por sua vez, representa um espaço onde ocorrem trocas culturais dos protagonistas com Felipe del Solar, o poeta Pablo Neruda, o presidente Salvador Allende e assim, somam novas conexões que são fundamentais para a chamada identidade rizomática que é caracterizada pela multiplicidade, ou seja, é construída no meio da diversidade e, por conseguinte, estabelecem vínculos com as pessoas que encontram, fator essencial para a construção identitária dos personagens.

Além disso, a obra apresenta duas perspectivas sobre o conceito de des(re)territorialização: a geográfica e a cultural. No sentido geográfico, a desterritorialização diz respeito à saída dos personagens do país natal para se estabelecerem em outro território, diferente do seu lugar de origem. Como se trata de um movimento duplo em que um é a consequência do outro, a reterritorialização ocorre no Chile. Já o sentido cultural está ligado à fragmentação das identidades dos personagens, já que a visão sobre o seu lugar de pertencimento e suas identidades ganharam uma nova articulação devido a seu deslocamento identitário e esse processo é continuamente evidenciado pelo desenraizamento cultural enquanto estão no período de adaptação ao país.

Dessa forma, Isabel Allende traz a temática da migração e do exílio e, por conseguinte, mistura ficção e realidade, já que revive os fatos históricos como a chegada do Winnipeg no Chile em 1939, acontecimento retratado logo nas primeiras páginas do livro através de imagens reais do navio e dos refugiados. A obra também inclui figuras importantes da história do Chile, como seu tio Salvador Allende e seu amigo Pablo Neruda, além de relembrar um dos períodos conturbados de sua vida, que foi a ditadura militar chilena, ocasião em que também foi perseguida e exilada, assim como o protagonista. Durante uma entrevista para a revista *People en Español* (2020), enquanto estava a fazer a divulgação *Largo pétalo de Mar*, a autora afirmou que a obra é uma merecida homenagem a Pablo Neruda, por seu esforço para a chegada dos refugiados no Chile, considerando que ele convenceu o governo a recebê-los e viajou a Espanha para seleccioná-los. Assim, Pablo Neruda foi responsável por trazer esperança para aquelas pessoas, rejeitadas por muitos países e Isabel Allende, em nossos dias, quando ficcionaliza esses acontecimentos, é responsável por eternizar esse fato



histórico e suas memórias pessoais em uma bela narrativa que coloca em debate as diferentes e complexas questões que envolvem os deslocamentos culturais na ficção latino-americana.

## Referências

- ALLENDE, Isabel. *Longa Pétala de Mar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
- BERND, Zilá. *Literatura e Identidade Nacional*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 15-31.
- CAPAVERDE, Tatiana da Silva. Estrangeiro. In: BERND, Zilá (org.). *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial/Editora da Universidade, 2007. p. 249-255.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 1-18.
- FERNANDES, Neiva Maria Graziadei. Desexílios. In: FERNANDES, Neiva Maria Graziadei. *Fronteiras da memória, o exílio de cada um. A narrativa dos rastros em Mario Benedetti e Marta Traba*. 2015. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. p. 55-57.
- FIGUEIREDO, Eurídice; NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Identidade Cultural e Identidade Nacional. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora, UFJF, 2005. p. 189-205.
- ISABEL Allende habla de su libro “Largo Pétalo de Mar”. Entrevista realizada por Armando Correa. Publicado pelo canal People en Español. Nova Iorque, 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=pG6\\_sbZSrLw&t=375s](https://www.youtube.com/watch?v=pG6_sbZSrLw&t=375s). Acesso em: 14/04/21.
- OLIVIERI-GODET, Rita. Errância/migrância/migração. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionários das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 189-209.
- OUELLET, Pierre. *L'esprit migrateur: essai sur le non sense comun*. Montreal: Trait D'Union, 2003.
- PIÑERO, María Rocío Cobo. Migração, Migrância. In: COSER, Stelamaris (org.). *Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos*. Vitória: EDUFES, 2016. p. 216-223.
- PARANHOS, Ana Lúcia Silva. Des(re)territorialização. In: BERND, Zilá (org.) *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literaris, 2010. p. 147-166.
- RODRIGUES, Sara Novaes. Pertencimento. In: COSER, Stelamaris (org.). *Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos*. Vitória: EDUFES, 2016. p. 280-286.
- RAMÓN, Elisenda Sans. Los cuáqueros. [S. l.: s.n]. 1995.

- SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma Literatura nos Trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000. p. 73-102.
- SOUZA, Aline Prúcoli de. Des-re-territorialização. In: COSER, Stelamaris (org.). *Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos*. Vitória: EDUFES, 2016. p. 54-60.

---

Recebido em: 23/07/2021

Aceito em: 21/10/2021